

Mensagem 74

Seattle (E.U.A.) 2 de Setembro de 2004

[Continuação da mensagem 73]

Nesta mensagem, são apresentados os fenômenos de XI a XIII constituídos por 28 versos. Os capítulos e os versos foram indicados do mesmo modo como anteriormente.

XI A Vida pura. O Ser puro, virtudes vitais.

6.17 A consciência em yoga, ou seja, não dividida em pensador e pensamento destrói todo o sofrimento desde que, sejamos moderados na alimentação e diversão, nos esforços e atividades bem como em dormir e acordar.

16.1 A bravura, asseio do corpo, a perseverança na consciência sem escolhas não fragmentária, a caridade, a austeridade, o domínio, o espírito de não-aquisição e de sacrifício, o estudo de si mesmo, a retidão (são virtudes vitais).

16.2 A não-violência (nenhuma malícia), ver o que é, a ausência de raiva e de intolerância, a renúncia, a serenidade, a ausência de calúnia, a compaixão por todas as criaturas, a liberdade em relação à ganância, a delicadeza, a modéstia, a ausência de inconstância (também são virtudes vitais).

16.3 O vigor, o perdão, a firmeza, a frescura, a não-reação, o estado de não-arrogância, também estas são virtudes vitais. Estes são na verdade os talentos e o tesouro daqueles nascidos para o destino divino e dignificante.

18.20 Esta é a sabedoria pura em virtude da qual vemos a mesma eterna e desincorporada Vida em todas as entidades vivas incorporadas, bem como o mesmo indivisível Não-Manifesto em todas as formas diferentes de seres manifestos.

18.42 Tranquilidade, domínio, austeridade, prosperidade, perdão, retidão, conhecimento, sabedoria, confiança na Inteligência Universal (PURNA CHAITANYA) são os deveres naturais que emanam da vida pura em Existência.

18.49 Com o intelecto sempre desligado, com o ser condicionado conquistado, livre de expectativas imaginárias e motivos, e através do espírito de não-acumulação de objetos e ideias, alcançamos o estatuto de suprema liberdade em relação à ação (causa e efeito).

18.53 Abandonando o egotismo, a força, a arrogância, as antecipações, a raiva, as tendências aquisitivas, o egoísmo e o desassossego, tornamo-nos elegíveis para a unicidade com o SER PURO:

XII O Não-Manifesto, O Incognoscível

7.17 O homem sábio, sempre em consciência unitiva, devotado àquele Não-Manifesto, é na verdade eminente. A Inteligência Universal tem um inextinguível carinho por este homem sábio e ele gosta de Mim, o Não-manifesto.

7.24 Apesar de Eu ser Não-Manifesto, as pessoas comuns consideram-Me como manifestação, não compreendendo a Minha Realidade que é Eternidade imperecível e inextinguível.

7.25 Eu não sou manifesto para as pessoas comuns que estão envolvidas num conjunto de fantasias da mente (o querer, o atolar-se, a preocupação, a desconfiança). Este mundo ilusório não Me reconhece a Mim o sem começo e imperecível.

7.26 Eu (Inteligência Universal) conheço todos os seres manifestos – que partiram, que vivem e que estão por vir. Mas EU, o Não-Manifesto, é incognoscível!

7.27 Devido à ambição e antagonismos e à influência da corrupção das escolhas e opostos, todos os seres caem na ilusão da consciência separativa.

7.28 Mas aqueles que estão livres em relação á ilusão da dualidade na consciência, eles estão, então, disponíveis para ações holísticas e sagradas (ou seja, não reações) levando ao cessar do mal sem o cultivar dos opostos. Tais pessoas compreendem e adoram-Me com firmeza.

7.29 Aqueles que Me compreendem e em Mim confiam, vão para lá da decadência e da morte e estão no Vazio total (Brahmâ) enriquecendo seu ser íntimo em todas as suas ações.

7.30 Aqueles que Me percebem como a origem sem começo do Nascer, do Afirmar e do Absorver, permanecem ligados a esta percepção na sua consciência (holística) até no último momento de partir.

XIII A Energia da Equanimidade

2.55 Quando alguém deixa para trás todos os motivos e quereres da consciência e se deste modo se estabelece numa consciência não dividida na qual encontrou contentamento através de uma mutação entre o ser-ego e o ser-existencial, então ele é o tal cuja sabedoria é constante.

2.56 Aquele que não se perturba na dor e que não tem tendência para os prazeres, cujo apego, medo e raiva desapareceram e que é constante em intelecto, diz-se ser um sábio.

2.57 Aquele que não tem apego em qualquer área, enfrentando isto ou aquilo, bom ou mau, nem rejubilando nem rejeitando, mantém a sua sabedoria firme.

2.58 E quando as percepções sensoriais permanecem distantes sem entrarem em sensualidade tal como uma tartaruga recolhendo os seus membros para o interior da sua carapaça; a sabedoria mantém-se firme.

2.59 A sensualidade é evitada, mas uma associação subtil pode ainda permanecer. Mas também isso desaparece quando se tem um vislumbre da Inteligência transcendental.

2.60 Até uma pessoa sábia empenhada na firmeza pode ser desestabilizada pela teimosa sensualidade.

2.61 Restringindo a sensualidade, fixando-nos na ordem, deveríamos sentar-nos calmamente reunindo toda a energia para ver o que é - a totalidade, a integridade, a Inteligência (Eu). Então a sua sabedoria permanece firme.

2.64 As percepções sensoriais sem apego e a aversão estão naturalmente em controlo e são contidas por si mesmas. E deste modo a tranquilidade é alcançada automaticamente e sem esforço.

2.65 No estado tranquilo, todas as tristezas cessam facilmente e deste modo a consciência em alegria torna-se logo disponível para um intelecto firme.

2.66 Sem ordem e sem atenção sem esforço no todo, não pode haver nem sabedoria nem paz. Como pode haver felicidade para aquele que não está em paz?

2.69 Para aquele que compreende (o sábio), as atividades egocêntricas são desempenhadas num estado de torpor, apesar de o homem comum achar que está desperto. E quando o sábio está totalmente desperto na sua consciência meditativa sobre os assuntos humanos, o homem comum pode achar que o sábio está somente a dormir!

2.71 Aquele que abandona todo o querer, funciona liberto de todos os anseios. Indiferente em relação às aquisições e posses, livre do orgulho e vaidade. Ele alcança a paz.